

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO DE MESTRADO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO

Seguindo os Princípios Olímpicos:
proposta de alterações nas regras oficiais do basquetebol
para uma participação adequada das mulheres

por

Roberto Maluf de Mesquita

Prof. Dr. Eduardo Henrique De Rose
Orientador

*Dissertação submetida como requisito
parcial para a obtenção do grau de
Mestre em Ciências do Movimento
Humano*

Porto Alegre, dezembro de 1998

FICHA CATALOGRÁFICA

M582s Mesquita, Roberto Maluf de
Seguindo os Princípios Olímpicos: proposta de alterações nas regras oficiais do basquetebol para uma participação adequada das mulheres / Roberto Maluf de Mesquita - Porto Alegre: UFRGS, 1998.
65 f.

Diss. (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Educação Física. Mestrado em Ciências do Movimento Humano.

1. Basquetebol 2. Mulher no Esporte 3. Princípios Olímpicos 4. Regras I. Título

CDU 796.323.06

ACADEMIA OLÍMPICA INTERNACIONAL - OLÍMPIA / GRÉCIA



Participantes do 5º Seminário Internacional de Pós-Graduação em Estudos Olímpicos, ocorrido de 1º de maio à 15 de junho de 1997.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Eduardo Henrique De Rose pelo talento privilegiado na “arte” de orientar, expressar-se e principalmente pela extrema simplicidade e competência profissional.

Ao Profs. Drs. Airton da Silva Negrine e Vicente Molina Neto pela grande competência como coordenadores do Curso de Mestrado da Escola de Educação Física (ESEF) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e também pela atenção especial dedicada aos alunos do referido curso.

Aos meus grandes amigos, Prof. Ms. Luciano Castro pelo extraordinário trabalho realizado na coleta de dados desta dissertação, Professores Especialistas Tácito Pinto Filho e Nelson Schneider Todt pela competência apresentada através de conselhos e companheirismo que demonstraram desde o início desta pesquisa.

As equipes campeãs do Campeonato Paulista de Basquetebol Adulto, temporada 1996/1997: Papel Report/Mogi das Cruzes/CCMC e Microcamp, por “abrirem as portas” de suas vitoriosas estruturas permitindo que a coleta de dados desta pesquisa fosse realizada. Gostaria de destacar a fantástica performance física dos atletas avaliados que é de responsabilidade de Akcel de Godoy (Papel Report/Mogi das Cruzes/CCMC) e Hermes Ferreira Balbino (Microcamp).

Aos Profs. Drs. integrantes da Banca Examinadora: Dante De Rose Júnior, Aluísio Otávio Vargas Ávila e Élio Carravetta pela

competência, seriedade e simplicidade que demonstraram durante o ato público de apresentação desta dissertação.

A bibliotecária Rosalia Pomar Camargo, ao estatístico Prof. Ms. Brasília Ricardo Cirillo da Silva e a colega Liliane de Castro Gonzalez pela grande qualidade do trabalho prestado e, que em muito contribuiu para a realização deste estudo.

Gostaria de ressaltar pessoas, empresas, equipes, órgãos, bem como instituições que contribuíram de forma brilhante e também foram responsáveis por esta pesquisa: Federação Gaúcha de Basketball, Confederação Brasileira de Basketball, Federação Internacional de Basketball, Comitê Olímpico Brasileiro, Comitê Olímpico Internacional, Academia Olímpica Brasileira, Academia Olímpica Internacional, Direção da ESEF-UFRGS, professores, funcionários e alunos do Curso de Mestrado da ESEF-UFRGS, Direção do Colégio Cruzeiro do Sul, Prefeitura Municipal de Porto Alegre, CAPES, imprensa, Gerasime Bozikis (Grego), Carlos Nunes, Hortência de Fátima Marcari Oliva, Laís Elena Aranha Silva, Arilza Coraça, Adão Pereira, Luiz Aparecido Remunhão, Maria Helena Cardoso, Maria Helena Campos, Eloy Tuffi, Leonildo Camilo de Souza Júnior, Antônio Carlos Barbosa, Emerson dos Santos Tadiello, Wilton Domingues, Cláudio Mortari, Luiz Peruchi, Lamartine Pereira DaCosta, Pedro Fossati Fritsch, Denise Kriedte da Costa, Athia Danise Hoffmann de Castro, Crissia Andréa Hoffmann de Castro, Cintia Müller Leal, Cristiane Parizoto, Fabiana Pereira Campelo, Cássio Holst, Alexandre Trois Cunha, Bruno Scheidemandel Neto, Nei Breitman, Salus Finkelstein, Sergio Einloft, Gilson Hermann Kroeff, Ruy Oliveira Nuñez, Alexandre Butzen, José Luiz de Azevedo Barbosa,

Daniele Hochnadel, Luís Fernando Ribeiro Moraes, Alberto Rephold, Adroaldo César de Araújo Gaya, Flávia Meyer, Mário Brauner, Cátia Boeira Severo, Jader Denicol do Amaral, Margarete Loschiavo Pinto, Rosane Amaro Lopes, Márcio Amaro Müller, Márcia Dornelles, a empresa Wilson do Brasil, as equipes Uniban/Associação/SBC, Clube 5 Estrelas, Colégio Sinodal, AFCEEE/Prudente-Osório, Colégio Americano, Ulbra e minha família.

SUMÁRIO

FICHA CATALOGRÁFICA.....	II
AGRADECIMENTOS.....	IV
RESUMO.....	IX
ABSTRACT	XI
1. INTRODUÇÃO.....	1
1.1- OBJETIVO.....	6
1.2- HIPÓTESES	7
1.3- JUSTIFICATIVA	7
2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	8
2.1. AS DIFERENÇAS FÍSICAS E DE PERFORMANCE ENTRE HOMENS E MULHERES	8
2.2. A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NO CAMPO ESPORTIVO	13
2.3. HISTÓRICO DO BASQUETEBOL.....	17
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	21
3.1. AMOSTRA	21
3.2. INSTRUMENTO E PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	21
3.2.1. <i>Medidas Antropométricas</i>	22
3.2.2. <i>Testes de Aptidão Física</i>	34
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	38
5. CONCLUSÕES.....	44
6. RECOMENDAÇÕES	45
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	47
8. ANEXOS	50
9. GLOSÁRIO	53

SUMÁRIO DE TABELAS

Tabela 1: Performance Esportiva em Atletismo	9
Tabela 2: A Participação dos Homens e das Mulheres nos Jogos Olímpicos da Era Moderna.....	15
Tabela 3: Resultados	38
Tabela 4: Teste t.....	40

SUMÁRIO DE ANEXOS

Anexo 1: Entrevista concedida ao Programa Jô Soares Onze e Meia, pela ex-jogadora de basquetebol Hortência de Fátima Marcari Oliva.....	50
--	----

RESUMO

A busca das mulheres por direitos de igualdade perante aos homens é motivo de notórias controvérsias. No campo esportivo, o Comitê Olímpico Internacional vem demonstrando grande interesse por este assunto, priorizando a promoção da mulher no esporte.

Esta pesquisa apresenta uma análise estatística dos dados antropométricos e de aptidão física de duas equipes de basquetebol, os campeões do Campeonato Paulista Adulto Masculino e Feminino, na temporada 1996/1997. Foi realizada uma análise descritiva dos valores, de acordo com o cálculo da média, desvio padrão, máximo e mínimo. Posteriormente, através de estatística inferencial, utilizou-se o Teste de Diferenças de Médias (Teste t), com nível de significância de 5%, efetivando-se o estudo comparativo entre os grupos.

Foi constatada uma diferença significativa entre a média dos dados estatísticos avaliados.

Este estudo constituiu-se numa primeira etapa e deve, necessariamente, ser ampliado e aprofundado, colocando em prática as modificações nas regras oficiais do basquetebol, sugeridas nesta investigação que visam alterar as mesmas para uma participação adequada das mulheres:

1. Reduzir a altura do aro em relação ao solo em 25 cm. A regra oficial estabelece a altura do aro em relação ao solo em 3,05 m;

2. Substituir a bola, atualmente comum para homens e mulheres, pela bola americana feminina, que é menor e mais leve e que é utilizada na Liga Universitária Americana Feminina (NCAA) desde 1984, bem como na Liga Profissional Americana Feminina (WNBA), que recentemente encerrou sua segunda temporada.

ABSTRACT

The women's claim for the same rights as men is a prominent controversy. In sporting field, the International Olympic Committee has been demonstrated an enormous interest with this subject, encouraging the promotion of women in sport.

This research to present itself a statistic analysis of the antropometrics and physical fitness data from two basketball high level teams, the Paulista Championship Men and Women champions, in the 1996/1997 season. Was made a descriptive analysis of the values, according the average calculation, standard diversion, maximum and minimum. Subsequently, through inferential statistic, was used the Average Differences Test (t Test), with significance level of 5%, was made the comparative study between the groups.

Was established a significant difference between the average statistics data valued.

This study was the first stage and must, necessarily, be enlarged and make deeper, putting in practical the changes in the official basketball rules suggested in this research, which has the goal to change the rules for women's adequate participation:

1. To lower the height of the hoop in 25 cm (10 inches). The official rule set up the height of the hoop in 3,05 m;
2. To substitute the ball, currently the same for men and women, for the American ball, which is smaller and lighter and is used in the United States Women's National Collegiate

Athletic Association (NCAA) since 1984, and in the Women National Basketball Association (WNBA), which recently finished their second season.

1. INTRODUÇÃO

As reivindicações das mulheres pelos mesmos direitos dos homens são uma antiga polêmica, que ainda está muito presente em nossa sociedade. Muitos estudiosos, através de suas pesquisas, manifestam total apoio com esta causa que atualmente não pertence somente as mulheres. No campo esportivo, algumas desigualdades nos mostram que uma longa “batalha” ainda está por acontecer. Ciente desta situação, Juan Antonio Samaranch, Presidente do Comitê Olímpico Internacional (COI), criou em dezembro de 1995 um grupo de trabalho que aborda a situação da mulher no esporte. O objetivo deste grupo, que é presidido por Anita L. Defrantz, é informar aos membros executivos do COI, além do próprio presidente, todas as propostas elaboradas por esta comissão. Assim como todas as comissões do COI, esta é somente consultiva e é constituída por representantes de três segmentos do Movimento Olímpico: COI, Federações Internacionais e Comitês Olímpicos Nacionais, além de representantes de atletas e membros independentes.

Reforçando a idéia da preocupação do COI por este quadro, julgamos apropriado referenciar a emenda que foi incluída na Carta Olímpica abordando a situação da mulher no esporte (1997):

“O COI encoraja enfaticamente a promoção da mulher no esporte em todos os níveis, particularmente nos conselhos executivos das organizações esportivas nacionais e internacionais, visando com rigor a aplicação dos princípios

de igualdade entre homens e mulheres” (p. 10).

Gostaríamos de justificar a inclusão dos termos princípios olímpicos no título desta pesquisa. De acordo com o Princípio 8 da Carta Olímpica (1997):

“A prática do esporte é um direito humano. Todo o indivíduo deve ter a oportunidade de praticar o esporte de acordo com as suas possibilidades” (p. 9).

Outra razão que motivou a escolha do tema foram as reivindicações propostas pelos profissionais envolvidos com a mulher no basquetebol ao longo dos tempos. A entrevista concedida ao Programa Jô Soares Onze e Meia, pela ex-jogadora de basquetebol Hortência de Fátima Marcari Oliva, exemplifica estes fatos (Anexo1).

Ainda com relação às regras do jogo, duas etapas de uma jogadora de basquetebol merecem uma breve análise: a nível escolar, a falta de motivação para a prática deste esporte é muito comum, após ultrapassarem a idade que corresponde ao mini-basquetebol (12 ou 13 anos de idade dependendo do estado brasileiro), as adolescentes não tem força para, através de um arremesso, alcançarem o objetivo do jogo: a cesta. Pois as mesmas estão jogando com regras idênticas às que Michael Jordan joga na National Basketball Association (NBA). Esta dificuldade faz com que um grande número de meninas decida substituir a prática do basquetebol por outro esporte. No alto nível, de acordo com a declaração do Presidente da Confederação Brasileira de Basketball (CBB) Gerasime Bozikis, ao Jornal A Gazeta Esportiva (1999), comparando as Ligas Nacionais Masculina e Feminina:

“Ainda temos esperanças de fazer um campeonato feminino tão interessante em termos de nível técnico como está sendo o masculino”. (p. 11).

Nota-se a preocupação do Presidente da CBB em igualar as atenções voltadas para as Ligas Nacionais Masculina e Feminina, entretanto uma grande parte dos profissionais envolvidos com o basquetebol acredita que de uma maneira geral: as Ligas Femininas não apresentam patrocinadores, televisionamento, duração, nível técnico e nem “enterradas”, como as Ligas Masculinas (CARDOSO e CAMPOS 1983, p. 15).

Obviamente que, se as regras do basquetebol forem alteradas para as mulheres, as dificuldades desta modalidade não terminarão. Pensamos, porém, que é de extrema importância uma tentativa de mudança, no sentido de proporcionar uma oportunidade as praticantes que vivenciam as dificuldades do jogo a colocarem em prática uma proposta que visa atender às necessidades encontradas por elas próprias.

Pensamos que os projetos esportivos que obtiveram êxito devem sempre servir de referência às inovações que pretendemos implantar. Seguindo esta linha de raciocínio, cabe mencionar que alguns esportes olímpicos já fizeram adequações substantivas em suas respectivas regras para o sexo feminino, como por exemplo: voleibol; atletismo; judô; entre outros.

De acordo com as Regras Oficiais de Voleibol (1997-1999):

“A altura da rede deve ser de 2,43m para as equipes masculinas e de 2,24m para as equipes femininas” (p. 7).

Segundo as Regras Oficiais de Atletismo (1997-1999):

“A altura das barreiras nas provas femininas de 100 metros é de 0,84m e nas de 400 metros é de 0,762m. Nas provas masculinas de 110 metros a altura das barreiras é de 1,067m e nas de 400 metros é de 0,914m” (p. 66).

Ainda abordando o atletismo, especificamente nas provas de lançamentos:

“Na prova de arremesso do peso, o peso mínimo para homologação de recorde, é de 7,260 kg nas provas masculinas e de 4 kg nas provas femininas. Na prova de lançamento do disco, o peso mínimo para homologação de recorde, é de 2 kg nas provas masculinas e de 1 kg nas provas femininas. Na prova de lançamento do dardo, o peso mínimo para homologação de recorde (incluindo a empunhadura de corda), é de 800 g nas provas masculinas e de 600 g nas provas femininas” (p. 86, 89 e 102).

As Regras Internacionais de Judô especificam (1991):

“A duração do tempo real do combate para os homens é de 5 minutos, e de 4 minutos para as mulheres” (p. 29).

Nesse sentido, julgamos oportuno considerar como uma aproximação inicial as referências apontadas por DAVENPORT (1991). Enfatiza esta autora que:

“Desde a primeira vez que as mulheres jogaram basquetebol, ficou claro para algumas instrutoras que muitas

estudantes não tinham força nem resistência para participar do jogo que NAISMITH idealizou” (p. 84).

Davenport menciona ainda que as instrutoras de basquetebol modificaram o jogo, o que resultou no encorajamento de alterações das regras, adequando-as para as mulheres em todo país. Na Universidade de Smith, por exemplo, Senda Berenson alterou as regras do basquetebol pouco tempo após a invenção do jogo. Em 1894 ela escreveu que havia modificado as regras com o objetivo de controlar o rigor e encorajar as colegas de trabalho.

Considerando o ocorrido, salientamos que nenhuma modificação ou tentativa de adequação foi até então aceita pela Federação Internacional de Basquetebol (FIBA), embora diversas ligas amadoras e profissionais tenham feito pequenas modificações no jogo de basquetebol de mulheres, como por exemplo nos Estados Unidos.

Com relação as adequações das regras, os estudos de CARDOSO e CAMPOS (1983), reforçam nossa forma de pensar. As autoras escreveram no Boletim da Associação Brasileira de Técnicos em Basquetebol o seguinte:

“Quanto às regras do jogo: as mulheres para a prática do basquetebol, estão sujeitas às mesmas regras dos homens” (p. 15).

Comentam as autoras:

“Imagem uma garota de 12 ou 13 anos submetida as mesmas regras aplicadas aos homens de 25 ou

30 anos. O peso e o tamanho da bola (anatomicamente, a mão da mulher é menor), a altura do aro (quase impossível de ser alcançada pela mulher), tornam o basquetebol feminino menos espetacular que o masculino. Aí está uma sugestão que já fizemos, inclusive pessoalmente, ao Secretário da FIBA durante o último Campeonato Mundial Feminino em São Paulo: "Por que não fazemos como no voleibol, que abaixa a altura da rede para as mulheres?" Se conseguíssemos abaixar a altura do aro (mais ou menos 20 cm), a mulher conseguiria executar as "enterradas" que tornam o basquetebol masculino um espetáculo para o público" (p. 15).

Os estudos e recomendações destas profissionais do basquetebol, que o vivenciaram inicialmente como atletas, e atualmente como treinadoras, reforçaram nossa forma de pensar, e ao mesmo tempo nos encorajaram a realizar esta investigação.

1.1- OBJETIVO

O objetivo deste estudo é responder o questionamento: É adequado homens e mulheres jogarem basquetebol submetidos as mesmas regras oficiais?

1.2- HIPÓTESES

Buscando responder a questão acima formulada, elaboramos as hipóteses:

Hipótese 1: Existem diferenças significativas entre as variáveis antropométricas dos jogadores de basquetebol masculino e feminino.

Hipótese 2: Existem diferenças significativas entre as variáveis de aptidão física dos jogadores de basquetebol masculino e feminino.

1.3- JUSTIFICATIVA

Atualmente as mulheres estão sujeitas às mesmas regras oficiais do basquetebol praticado pelos homens. Levando-se em consideração as diferenças antropométricas e de aptidão física entre jogadores masculino e feminino, o jogo de basquetebol apresenta maior dificuldade de ser praticado pelas mulheres, conseqüentemente torna-se visível a diferença de nível técnico entre os praticantes masculinos e femininos. Entre outros fatores, este fato pode ser um indicativo das razões porque existem mais homens praticando este esporte do que mulheres.

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1. AS DIFERENÇAS FÍSICAS E DE PERFORMANCE ENTRE HOMENS E MULHERES

Muitos estudos, à partir de diferentes perspectivas, evidenciam diferenças entre homens e mulheres. FOX, BOWERS e FOSS (1991), destacam que:

“Em média, as mulheres são mais baixas e mais leves, com mais tecido adiposo e menos massa muscular do que os homens. Isso é igualmente verdadeiro quando as mulheres atletas são comparadas aos homens atletas, em qualquer esporte específico” (p.290).

Diz ainda o autor, que as variações do desempenho entre os homens e mulheres pode ser explicada devido as diferenças na composição e no tamanho do corpo.

Não resta dúvida que, de uma maneira geral e na maioria das modalidades esportivas, as mulheres não conseguem igualar a performance dos homens. A comparação dos resultados dos vencedores das provas de Atletismo dos últimos Jogos Olímpicos realizados em Atlanta (Estados Unidos) no ano de 1996, ajuda a exemplificar esta afirmação (Tabela 1).

Tabela 1: Performance Esportiva em Atletismo

RESULTADOS		
PROVAS	VENCEDOR MASCULINO	VENCEDORA FEMININA
100 m	9"84	10"94
200 m	19"32	22"12
400 m	43"49	48"25
800 m	1'42"58	1'57"73
1500 m	3'35"78	4'00"83
5000 m	13'07"96	14'59"88
10000 m	27'07"34	31'01"63
Maratona	2h12'36	2h26'05
400 m com barreira	47"54	52"82
Revezamento 4x100 m	37"69	41"95
Revezamento 4x400 m	2'55"99	3'20"91
Salto em altura	2,39 m	2,05 m
Salto em distância	8,50 m	7,12 m
Salto triplo	18,09 m	15,33 m
Lançamento de peso	21,62 m	20,56 m
Lançamento de disco	69,40 m	69,66 m
Lançamento de dardo	88,16 m	67,94 m

Fonte: INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE MAGAZINE. Special Edition, Results of the XXVI Olympiad "THE CENTENNIAL GAMES", Out, 1996.

Considerações sobre os dados da tabela:

1. Não estão incluídas as provas que são diferentes para homens e mulheres, e também, as provas que não foram realizadas para mulheres.

2. Existe uma diferença no peso dos implementos nos lançamentos de peso (7,260 Kg para os homens e 4 Kg para as mulheres), disco (2 Kg para os homens e 1 Kg para as mulheres) e dardo (800 g para os homens e 600 g para as mulheres).

SCATES e WIELKI (1977) apresentam outra explicação para a superioridade do desempenho esportivo dos homens em relação as mulheres. Referem estes autores que:

“Para o mesmo nível de competição, o salto das mulheres é inferior ao dos homens” (p. 31).

Para justificar esta afirmativa, os autores apresentam a seguinte argumentação:

- os fêmures das mulheres são voltados para dentro e o ângulo dos quadris é mais oblíquo. Esta angulação dá as mulheres menos mobilidade e faz o sistema muscular das pernas menos eficiente;
- a força das mulheres é inferior a força dos homens;
- o sistema muscular é menos desenvolvido, o que influencia na impulsão. A distribuição de peso é diferente nas mulheres (36% de músculo e 28% de gordura), e nos homens (48% de músculo e somente 18% de gordura). Existe, nas mulheres, mais massa inerte para ser deslocada durante o salto, e menos força total;
- a composição química do tecido das mulheres é diferente da composição química do tecido dos homens;
- a capacidade de trabalho das mulheres é aproximadamente 83%, quando comparada a do homem;

- além das diferenças fisiológicas, também existem diferenças psicossociológicas. Geralmente, depois da puberdade, as mulheres apresentam menos interesse do que os homens, de incluírem em seu cotidiano atividades físicas, apresentando às instituições esportivas uma amostra menor de população feminina em comparação com a masculina.

Analisando especificamente o esporte que estamos investigando SEMENICK e ADAMS (1991), destacam que:

“Os jogadores de basquetebol são capazes de saltarem mais alto do que as jogadoras de basquetebol, tanto partindo de uma posição estática, como após utilizar uma corrida de aproximação” (p. 11).

Os autores sugerem que esta diferença em favor do homem não é somente um fenômeno fisiológico, mas também em parte causado por diferentes experiências vivenciadas no passado. E acrescentam:

“Por apresentarem maior estatura, maior comprimento dos membros, maior força de explosão e tamanho das mãos, a cesta de basquetebol é mais fácil de ser alcançada pelos homens do que pelas mulheres. Existe uma recompensa estabelecida nos jogos dos homens: a “enterrada”. Esta ação fornece um grande incentivo para os homens treinarem saltos com objetivo de alcançarem a cesta.”(p.11).

Segundo os autores, na opinião de PITTS e SEMENICK:

“Para as mulheres obterem as mesmas condições

de alcançarem a cesta que os homens, o aro teria que ser posicionado a 2,72 metros do solo e a bola utilizada pelas mulheres deveria ser reduzida para 70 centímetros de circunferência” (p. 11).

De acordo com as regras oficiais de basquetebol (1994-1998):

“A bola não poderá ter menos de 74,9cm e nem mais de 78cm de circunferência” (p. 20).

Ainda em relação ao basquetebol, referenciaremos a seguir a reportagem intitulada: Meninas do basquete vencem amistoso com time cadete, do Jornal A Gazeta Esportiva (1996):

“Em mais um amistoso preparatório às Olimpíadas de Atlanta, a seleção brasileira de basquete feminino se deu bem diante da equipe cadete masculina do Tênis Clube de Campinas (vice-campeã paulista), vencendo por 109 a 107. [...] Ao final, Magic Paula destacou o bom rendimento do grupo: “Este time vai dar muito trabalho em Atlanta” (p. 15).

A citação acima deixa explícito, a grande desproporção entre jogadores e jogadoras de basquetebol, pois uma equipe masculina com média de 17 anos de idade, conseguiu jogar com igualdade contra a Seleção Brasileira Adulta Feminina, que conquistaria posteriormente a medalha de prata no Torneio de Basquetebol nas Olimpíadas de Atlanta.

Face às evidências dos estudos mencionados, tudo parece indicar que as diferenças existentes entre homens e mulher são facilmente comprováveis quando se trata de uma modalidade esportiva. Consequentemente utilizar uma regra comum para ambos os sexos, corre

o risco de dar tratamentos iguais aos diferentes.

2.2. A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NO CAMPO ESPORTIVO

A participação das mulheres ao longo da história, foi e ainda é prejudicada pela discriminação que a mulher vem sofrendo ao longo dos anos em diversas áreas, incluindo a esportiva. De acordo com GODOY (1996) na antigüidade:

“As mulheres gregas não podiam participar do governo, possuir propriedades ou recebê-las por herança. Deviam obediência aos pais quando solteiras e aos maridos após o casamento. Dedicavam-se aos filhos, ao lar e à arte de tecer” (p. 19).

Obviamente, no campo esportivo também não existia igualdade. Não era permitida a participação das mulheres nos Jogos Olímpicos, acrescenta-se a isto o fato das mulheres casadas serem proibidas de assistirem aos Jogos, com exceção da sacerdotisa. Para as mulheres era reservado os Jogos de Hera, criados especificamente para as mesmas. Estes Jogos foram realizados em Olímpia, porém não faziam parte dos Jogos Olímpicos da Antigüidade.

Documentos históricos relatam que as mulheres na Roma Antiga praticavam natação e corrida de cavalo. Durante a Idade Média e a Renascença, tanto homens como mulheres não priorizaram as atividades físicas. Entretanto, os séculos seguintes foram marcados por uma retomada do interesse, até que no final do século dezenove as

mulheres passaram a envolverem-se em atividades esportivas, criando seus próprios clubes e praticando novos esportes.

Não resta dúvida que ao longo das vinte e seis Edições das Olimpíadas da Era Moderna, a participação feminina em relação a masculina aumentou consideravelmente (Tabela 2). Entretanto, a soma total da presença feminina foi aproximadamente 21%, quando comparada com a masculina.

Tabela 2: A Participação dos Homens e das Mulheres nos Jogos Olímpicos da Era Moderna

OLIMPÍADA	CIDADE	ANO	ATLETAS MASCULINOS	ATLETAS FEMININOS
I	ATENAS	1896	311	0
II	PARIS	1900	1076	19
III	SAINT LOUIS	1904	619	6
IV	LONDRES	1908	1999	36
V	ESTOCOLMO	1912	2490	57
VII	ANTUÉRPIA	1920	2543	77
VIII	PARIS	1924	2820	136
IX	AMSTERDAM	1928	2724	290
X	LOS ANGELES	1932	1281	127
XI	BERLIM	1936	3738	328
XIV	LONDRES	1948	3714	385
XV	HELSINQUE	1952	4407	518
XVI	MELBOURNE	1956	2958	384
XVII	ROMA	1960	4738	610
XVIII	TÓQUIO	1964	4457	683
XIX	MÉXICO	1968	4750	781
XX	MUNIQUE	1972	5848	1058
XXI	MONTREAL	1976	4915	1247
XXII	MOSCOU	1980	4265	1125
XXIII	LOS ANGELES	1984	5458	1567
XXIV	SEUL	1988	6983	2186
XXV	BARCELONA	1992	7108	2708
XXVI	ATLANTA	1996	6921	3626
TOTAL	-	-	86123	17954

Fontes: LANCELLOTTI, Sílvio. *Olimpíada 100 anos: História Completa dos Jogos*. São Paulo :
Círculo do Livro Ltda, 1996.

INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE. Factsheets. Lausanne: IOC, 1998.

Ressaltamos que na 1ª Olimpíada as mulheres foram proibidas de competirem. O Barão Pierre de Coubertin, que foi o grande responsável pelo renascimento dos Jogos Olímpicos da Era Moderna, acreditava que este evento deveria permanecer somente com participação masculina, a exemplo dos Jogos Olímpicos da Antigüidade.

As Olimpíadas de Sydney 2000 celebrarão não somente cem anos de participação feminina, como pela primeira vez as mulheres competirão com o mesmo número de seleções que os homens em cada esporte. Além disto, as modalidades triatlo, taekwondo, hockey, pólo aquático, ciclismo (500 metros - pista), nado sincronizado em duplas e tiro aos pratos: “Ball Trapp” e “Skeet” serão incluídas nas disputas femininas. O softbol será confirmado como esporte olímpico e duas seleções serão acrescentadas no Torneio de Handebol para mulheres. Estas alterações serão significativas, levando em consideração que o número total de competidores desta Olimpíada diminuirá de 10700 para 10200.

Demonstrando também acreditar nos princípios de igualdade entre homens e mulheres, a CBB criou em 1998 a 1ª Liga Nacional de Basquetebol Feminino, que contou com oito equipes e durou aproximadamente três meses. Antigamente, as melhores equipes femininas do país reuniam-se um vez por ano para disputarem um Torneio de uma semana chamado Taça Brasil. Para nível de comparação, esclarecemos que neste mesmo ano a Liga Nacional Masculina completou sua 9ª temporada, contando com catorze equipes e com duração de aproximadamente quatro meses. Pensamos que não é lógico apontar a falta de resultados como uma das possíveis razões para as

diferenças apresentadas ao longo dos anos no Brasil, entre a estrutura do basquetebol masculino e feminino. Um dos esportes que mais tem conquistado títulos a nível internacional é o basquetebol feminino brasileiro. Além da medalha de prata conquistada nas Olimpíadas de Atlanta mencionada anteriormente, destacamos o título do Campeonato Mundial em 1994 e a primeira colocação alcançada pela equipe do BCN/Osasco no 7º Campeonato Mundial Interclubes em 1998. Atualmente as equipes brasileiras somam cinco títulos e três vice-campeonatos nesta competição.

Num passado recente, em certas circunstâncias, as questões relacionadas com as reivindicações das mulheres no esporte pareciam ser utópicas. MANOLIU, Presidenta do Comitê Olímpico Romeno, declarou (1990):

“Um milagre ocorreu em 1981, a finlandesa Pirjo Haggman e a venezuelana Flor Isava Fonseca foram as duas primeiras mulheres a serem admitidas como membros do COI” (p. 125).

Ultimamente o COI vem demonstrando que o tema mulher no esporte é tão prioritário quanto homem no esporte.

2.3. HISTÓRICO DO BASQUETEBOL

Na sua forma atual, o basquetebol é conhecido desde 1891, quando foi criado pelo professor canadense naturalizado americano JAMES A. NAISMITH, que ensinava na Associação Cristã de Moços

(ACM) de Springfield, no estado americano de Massachusetts. O nome basketball, termo em inglês que em português foi adaptado para basquetebol, originou-se do fato de serem utilizados cestos de pêssegos como alvo para os arremessos efetuados pelos jogadores, em inglês basket significa cesto e ball, bola. NAISMITH solicitou ao zelador da ACM duas caixas, na falta das mesmas foram utilizados dois cestos de pêssegos posicionados um em cada extremidade do ginásio, a uma altura de dez pés (três metros e cinco centímetros) em relação ao solo. Esta altura jamais foi alterada. NAISMITH utilizou uma bola maior do que as adotadas nos esportes praticados na época. De acordo com as Regras Oficiais do Basquetebol (1992):

“Contrariamente às alegações mais difundidas, segundo as quais o Professor Naismith teria inventado o basquetebol “em uma noite”, seu criador dedicou vários meses a um estudo aprofundado dos jogos existentes e a elaboração, segundo princípios bem definidos, de um novo jogo, em que pouco tempo, se tornou conhecido em todo o mundo.

As circunstâncias eram propícias, pois nos meses quentes de verão os estudantes em Springfield, mostravam grande entusiasmo para a prática dos jogos esportivos que lhes tinham sido ensinados; o futebol americano e o atletismo eram os mais procurados. Mas nos meses frios de inverno, esses mesmos alunos se encontravam pouco inclinados a suportar as sessões de Ginástica que lhes eram oferecidas; apesar de todos os esforços dos professores e os

ensaios sucessivos de utilização de diferentes métodos: alemão, sueco, francês, etc...” (p. 3).

A fim de reverter esta situação, o Diretor da ACM de Springfield, LUTHER HALSEY GULLICK, resolveu substituir as sessões de ginástica pouco atraentes por uma atividade mais dinâmica que pudesse ser praticada por um grande número de participantes ao mesmo tempo, e em recinto fechado. O professor JAMES NAISMITH foi o encarregado pela criação do novo jogo. Segundo MEDALHA (1975):

“As primeiras regras do basquetebol eram bastante simples. Seu teor em nada fugia ao espírito que observamos no jogo atualmente, isto é: a bola deveria ser movimentada com as mãos; o jogador não podia correr com a bola nas mãos; previa a arbitragem de dois juízes; não havia empate, etc.” (p. 11).

Ainda mencionando as primeiras regras FERREIRA e DE ROSE Jr. (1987) referem que:

“O número de jogadores variava, inicialmente, entre 3 e 40 jogadores em cada equipe. Este número foi fixado em 5 (no ano de 1897) devido aos problemas causados pelos espaços onde o jogo era praticado.

Em janeiro de 1892, professores do Buckingham Grade School começaram a jogar basquetebol sob a direção de NAISMITH.

Em 1893, o jornal Springfield Republican noticiou a realização do primeiro jogo feminino” (p. 1).

Nos Estados Unidos, juntamente com a primeira participação feminina nos jogos de basquetebol originaram-se as preocupações quanto às diferenças de estrutura física existentes entre homens e mulheres, que detectava certa dificuldade por parte das jogadoras de praticarem um jogo “arquitetado” para os homens. De acordo com DAVENPORT (1991):

“NAISMITH estabeleceu as regras básicas para serem usadas por todos os praticantes do basquetebol, sem distinção entre atletas masculinos ou femininos. (Na verdade, ele desenhou o jogo para os homens da Associação Cristã de Moços (YMCA) da Universidade de Springfield). Porém, em poucos meses este jogo foi praticado por mulheres e suas regras foram modificadas por professoras de educação física. As alterações para as mulheres resultaram em um jogo diferente daquele originalmente concebido por NAISMITH” (p. 83).

Entre outras modificações referenciadas por DAVENPORT, destacamos: cada período do jogo foi reduzido de vinte para quinze minutos; o número de jogadoras por equipe variou de cinco, seis, nove, totalizando até dez jogadoras.

Conforme especificado neste capítulo, fica evidenciado que, praticamente desde a criação do basquetebol, existe uma preocupação por parte dos profissionais envolvidos com as mulheres deste esporte, no que diz respeito as regras do jogo.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho consiste em um estudo descritivo com comparação entre grupos. Os grupos que foram comparados estão especificados na amostra. O método de avaliação antropométrico, bem como os testes de aptidão física também estão descritos neste capítulo.

3.1. AMOSTRA

A amostra deste estudo é do tipo não probabilístico, intencional, constituída por doze atletas de cada uma das equipes (masculina e feminina), campeãs do Campeonato Paulista de Basquetebol na temporada 1996/1997, categoria adulto. Saliento que o Campeonato Paulista foi escolhido como amostra, por ser até então a competição regional de maior nível técnico do Brasil. Destaco, ainda, que na temporada mencionada a maioria dos jogadores que foram convocados para a Seleção Brasileira tanto masculina como feminina, disputaram o referido campeonato, e que nesta época não existia uma liga nacional feminina.

3.2. INSTRUMENTO E PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

O presente estudo desenvolveu-se através de uma análise estatística dos valores encontrados entre as duas equipes avaliadas. Foi

realizada uma análise descritiva dos valores, de acordo com o cálculo da média, desvio padrão, máximo (maior valor) e mínimo (menor valor).

Posteriormente através de estatística inferencial, utilizou-se o Teste de Diferenças de Médias (Teste t), com o nível de significância de 5%. Efetivou-se o estudo comparativo entre os grupos de ambos os sexos.

3.2.1. Medidas Antropométricas:

Com o objetivo de conseguir uma uniformidade no estudo da Cineantropometria e na padronização de sua terminologia, este trabalho recorre aos pontos anatômicos e técnicas de medida utilizadas pelo Grupo Español de Cineantropometria, recomendadas pelo International Working Group of Kinanthropometry (ESPARZA ROS 1993). Os atletas foram mensurados descalços, usando calção (homens) e biquíni de duas peças (mulheres). Para o estudo foram determinadas além da idade, os valores de: estatura e massa corporais, altura total, envergadura, tamanho das mãos (eixos longitudinal e transversal), dobras cutâneas, perímetros, diâmetros, de acordo com os procedimentos e na ordem descrita a seguir:

Estatura Corporal: É a distância compreendida entre a planta dos pés e o ponto mais alto da cabeça (vértex). O avaliado permaneceu em pé, com os calcanhares unidos e encostados em uma parede procurando colocar a cintura pélvica, a cintura escapular e a região occipital em contato com a mesma. A cabeça ficou orientada no plano de Frankfurt, que é a posição definida quando a linha imaginária que passa pelo bordo inferior da órbita e o ponto mais alto do conduto auditivo externo está paralela ao solo e forma um ângulo reto com o eixo longitudinal do corpo. A medida foi registrada estando o avaliado em apnéia, após uma inspiração profunda para compensar a compressão sofrida pelos discos intervertebrais. Anteriormente a leitura da medida, foi feita uma tração para cima desde o maxilar inferior para tentar minimizar ao máximo os efeitos da compressão sobre os discos intervertebrais. Um cursor para medida de altura foi utilizado para marcar o vértex. Para obter esta medida foi utilizada uma fita métrica fixada na parede, perpendicular ao solo.



Altura Total: É a distância compreendida entre a planta dos pés e o ponto dactiloidal do dedo médio da mão direita. O avaliado permaneceu em pé, com o membro superior do lado direito elevado acima da cabeça, completamente estendido, formando um ângulo de 180° com o tronco. Para obter esta medida foi utilizada uma fita métrica fixada na parede, perpendicular ao solo.



Envergadura: É a distância compreendida entre os dois pontos dactiloidais dos dedos médios da mão, medida em centímetros. O avaliado posicionou-se apoiando as costas em uma parede, com os pés unidos e os membros superiores em abdução na altura dos ombros, formando um ângulo de 90° com o tronco. No momento que foi feita a medida, foi solicitado ao atleta que tentasse alcançar a máxima distância possível entre os pontos mensurados. Para obter esta medida foi utilizada uma fita métrica fixada na parede, paralela ao solo.



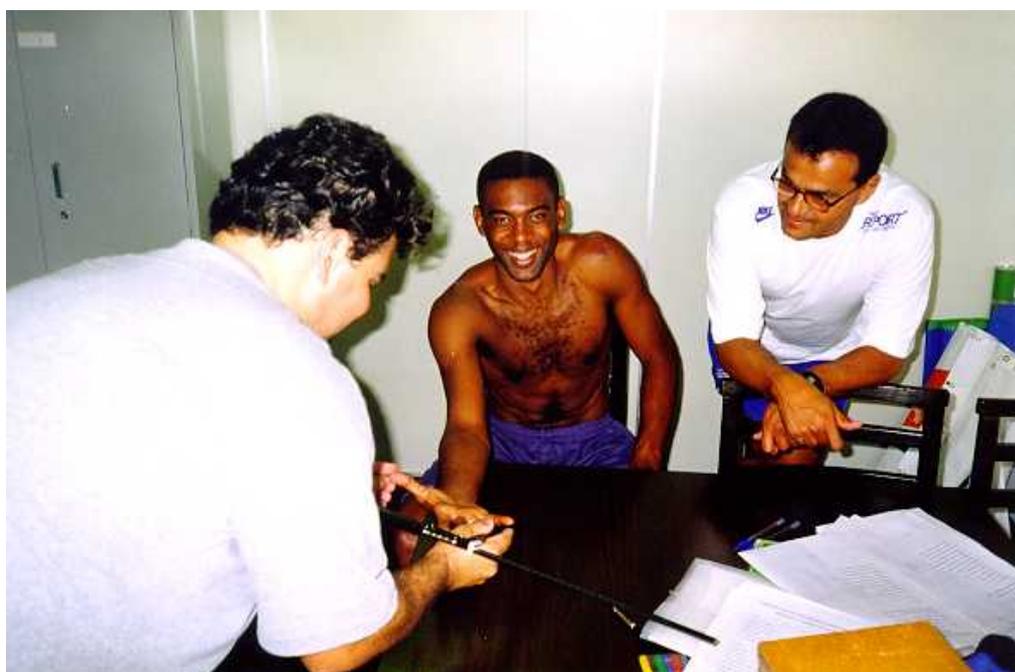
Massa Corporal: O avaliado posicionou-se em pé no centro da báscula da balança procurando mover-se o mínimo possível. O cursor da escala foi movido manualmente até que houvesse equilíbrio entre os dois cursores. A massa foi registrada em quilogramas, com uma precisão de 100 gramas.

Tamanho da Mão (eixo longitudinal): É a distância compreendida entre o ponto dactiloidal do dedo médio e os ossos do metacarpo. A medida foi registrada estando o avaliado com a mão em abdução. Os testes foram realizados em ambas as mãos dos atletas, uma de cada vez, e repetidos três vezes. Para efeitos de cálculo foram utilizados os valores medianos ou quando foram mensurados dois valores iguais para uma mesma medida, este valor foi o utilizado. Para obter esta medida foi utilizado um antropômetro.



Tamanho da Mão (eixo transversal): É a distância compreendida entre o ponto dactiloidal do dedo polegar e do dedo mínimo. A medida foi registrada estando o avaliado com a mão em

abdução. Os testes foram realizados em ambas as mãos dos atletas, uma de cada vez, e repetidos três vezes. Para efeitos de cálculo foram utilizados os valores medianos ou quando foram mensurados dois valores iguais para uma mesma medida, este valor foi o utilizado. Para obter esta medida foi utilizado um antropômetro.



Dobras Cutâneas: Para a mensuração das dobras cutâneas foi utilizado um compasso de dobras ou adipômetro. As medidas foram todas realizadas no lado direito dos avaliados e repetidas três vezes alternadamente em cada local, especificados abaixo. Para efeitos de cálculo foram utilizados os valores medianos ou quando foram mensurados dois valores iguais para uma mesma medida, este valor foi o utilizado.

Tricipital: O local da mensuração foi determinado através da medida da distância entre a projeção lateral do processo acromial da escápula e a borda inferior do olécrano da ulna, pelo uso de uma fita métrica, estando o cotovelo flexionado a 90°. O ponto médio foi marcado na parte lateral do braço. A dobra foi mensurada na linha média do bordo posterior do braço, sobre o músculo tríceps, no ponto médio entre a projeção lateral do processo acromial da escápula e a margem inferior do olécrano, estando o avaliado com os membros superiores relaxados ao longo do corpo.

Subescapular: Foi mensurada imediatamente abaixo do ângulo inferior da escápula em direção oblíqua para baixo e para fora, formando um ângulo de aproximadamente 45° com a horizontal. O ponto foi determinado mediante apalpação do ângulo inferior da escápula com o polegar esquerdo, após a localização desloca-se o dedo indicador para o local e pinça-se a dobra.

Peitoral: Está localizada sobre a linha que vai da axila até o mamilo. Foi mensurada no sentido oblíquo ao eixo longitudinal do corpo, no terço proximal à axila, estando o avaliado com os braços ao longo do corpo.



Axilar Média: Foi mensurada sobre a linha axilar média, na altura da linha imaginária horizontal que passaria na altura do apêndice xifóide. A dobra cutânea foi pinçada horizontalmente. Para facilitar a medida foi solicitado que o avaliado colocasse o antebraço direito sobre o peito à fim de facilitar a toma da medida.

Supra-Ilíaca: Está localizada imediatamente acima (1 a 3 cm) da crísta-ilíaca, sobre a linha axilar média. Esta dobra foi mensurada obliquamente para baixo e para frente formando um ângulo de aproximadamente 45° com a

horizontal. Para facilitar a medição foi solicitado que o avaliado colocasse o antebraço direito sobre o peito.

Supra-Espinal: Localizada na interseção formada pela linha que passa pelo bordo superior do íleo e a linha imaginária que vai desde a espinha ílica ântero-superior direita até o bordo axilar anterior direito. Esta dobra foi mensurada obliquamente para baixo e para frente formando um ângulo de aproximadamente 45° com a horizontal. Para facilitar a medição foi solicitado ao avaliado que colocasse o antebraço direito sobre o peito.

Abdominal: Está localizada lateralmente a direita da cicatriz umbilical à aproximadamente um centímetro do seu bordo externo. A medida foi determinada paralelamente ao eixo longitudinal do corpo (verticalmente).

Coxa: Foi mensurada no ponto médio entre a prega inguinal e a borda proximal da patela, na face anterior do reto femural. A medida da dobra cutânea da coxa é realizada verticalmente, sendo realizada com o avaliado sentado, sem contração muscular, com os pés apoiados no solo formando um ângulo de 90° entre a coxa e a perna.

Perímetros: Para a mensuração dos perímetros foi utilizada uma fita métrica. As medidas foram repetidas três vezes alternadamente

em cada local, especificados abaixo. Para efeitos de cálculo foram utilizados os valores medianos ou quando foram mensurados dois valores iguais para uma mesma medida, este valor foi o utilizado.

Mesoesternal: É a medida da circunferência que rodeia o tórax ao nível da quarta articulação condroesternal.

Braço Relaxado: É o perímetro mensurado sobre o ponto médio da distância acrômio-radial.

Braço Contraído e Flexionado: É o perímetro máximo do braço contraído voluntariamente.

Antebraço: É o perímetro máximo do antebraço.

Antebraço Contraído: É o perímetro máximo do antebraço contraído voluntariamente.

Coxa: É o perímetro mensurado um centímetro abaixo da prega glútea.

Perna: É o perímetro mensurado sobre a maior circunferência da perna.

Diâmetros: Para a mensuração dos diâmetros foi utilizado um paquímetro. As medidas foram todas realizadas no lado direito dos avaliados e repetidas três vezes alternadamente em cada local, especificados abaixo. Para efeitos de cálculo foram utilizados os valores medianos ou quando foram mensurados dois valores iguais para uma mesma medida, este valor foi o utilizado.

Umeral: É a distância entre o epicôndilo e a epitroclea do úmero.

Biestilóide: É a distância entre a apófise estilóide do rádio e do cúbito.

Femoral: É a distância entre o côndilo medial e o lateral do fêmur.

Mediante os dados obtidos foram calculados os quatro compartimentos corporais descritos a seguir:

Massa Muscular: Para o cálculo da massa muscular foi utilizada a seguinte relação:

$$MM = MC - (MR + MO + MG)$$

onde: MM = Massa Muscular, MC = Massa Corporal, MR = Massa Residual, MO = Massa Óssea e MG = Massa de Gordura.

Massa Corporal: O valor da massa corporal foi obtido de acordo com o procedimento descrito neste capítulo.

Massa Residual: Para o cálculo da massa residual foi utilizada a constante de WÜRCH (1974):

$$\begin{aligned} \text{Massa Residual (kg)} &= MC \times 24,1/100 \text{ (masculino);} \\ &= MC \times 20,9/100 \text{ (feminino).} \end{aligned}$$

Massa Óssea: Para o cálculo da massa óssea foi utilizada a fórmula de VON DÖBELN, modificada por ROCHA (1974).

$$\text{Massa Óssea (kg)} = 3,02 \times (\text{estatura}^2 \times \text{diâmetro biestilóide} \times \text{diâmetro femoral} \times 400)^{0,712}$$

Percentual de Gordura: Para o cálculo do percentual de gordura foi utilizada a fórmula de JACKSON & POLLOCK (1978) com sete dobras, por ser essa, a mais fidedigna para o cálculo do percentual de gordura em atletas (HEYWARD & STOLARCZYK 1996, p. 154).

Para obter os resultados dos atletas masculinos utilizou-se a fórmula:

JACKSON & POLLOCK (1978):

$$DC = 1,112 - 0,00043499 (\sum 7) + 0,00000055 (\sum 7)^2 - 0,00028826 (\text{idade}),$$

onde: DC = Densidade Corporal. As sete dobras utilizadas foram: peitoral, axilar, tríceps, subscapular, abdominal, crista ilíaca e coxa. A fórmula utilizada para transformar DC em percentual de gordura foi: $[(4,95 / DC) - 4,50] \times 100$.

Para obter os resultados das atletas femininas utilizou-se a fórmula:

JACKSON & POLLOCK (1978):

$$DC = 1,096095 - 0,0006952 (\Sigma 4) + 0,0000011 (\Sigma 4)^2 - 0,0000714 (\text{idade}),$$

onde: DC = Densidade Corporal. As quatro dobras utilizadas foram: tríceps, abdominal, crista ilíaca e coxa. A fórmula utilizada para transformar DC em percentual de gordura foi: $[(5,01 / DC) - 4,57] \times 100$.

3.2.2. Testes de Aptidão Física:

Impulsão Vertical: Neste teste o atleta partiu de uma posição estática e foi obrigatório impulsionar-se com os dois pés. Foi permitido aos avaliados utilizarem o pé de pivô antes de cada salto, caso preferissem fazê-lo, de acordo com as regras oficiais de basquetebol. O pé de pivô acontece quando um jogador que está com a posse da bola (neste caso sem bola) executa uma passada ou mais, em qualquer direção com o mesmo pé, enquanto o outro pé, chamado de pé de pivô, é mantido em seu ponto de contato com o chão. Esta avaliação foi repetida três vezes e o melhor resultado obtido pelo atleta, ou seja, o mais alto, foi o registrado. Para a mensuração da impulsão vertical foi utilizada uma fita métrica localizada no aparelho que mede os saltos. Inicialmente foi medida a altura total dos jogadores e, após cada salto foi considerada como a medida deste teste, a distância compreendida entre a altura total e o ponto máximo onde os avaliados conseguiram alcançar.

Observação: As avaliações da equipe Papel Report/Mogi das Cruzes/CCMC foram mensuradas com a fita métrica colocada diretamente na parede, pois no local dos testes não havia um aparelho específico para medir os saltos.



Técnica de Prensão Manual: Para mensurar a prensão manual foi utilizado um dinamômetro. Os testes foram realizados em ambas as mãos dos avaliados, uma de cada vez, e repetidos três vezes alternadamente com cada mão. Para cada mão foi considerado o maior valor registrado das três tentativas.



OBSERVAÇÕES:

- As avaliações antropométricas foram executadas pelo Prof. Ms. Luciano Castro.
- Todos os atletas que participaram do estudo foram recrutados mediante solicitação feita as suas respectivas equipes, que em contrapartida receberam os resultados das avaliações.

Material Utilizado nas Avaliações Antropométricas e de Aptidão Física:

Fita Métrica: Foi utilizada uma fita da marca Lufkin, metálica, flexível, não elástica, com um espaço sem graduação antes do zero e com escala em centímetros e com precisão de 1 milímetro.

Antropômetro: Com uma escala métrica não flexível com duas ramas deslizantes, essas ramas possuem duas ponteiros não fixas. A precisão do antropômetro utilizado é de 1 milímetro com escala em centímetros. Foi utilizado o antropômetro da marca Rosscraft de fabricação canadense.

Paquímetro: Com uma escala métrica com duas ramas, uma fixa e outra deslizante. A precisão do paquímetro utilizado é de 1 milímetro com escala em centímetros. Foi utilizado o paquímetro da marca Rosscraft, de fabricação canadense.

Balança: Foi utilizada a balança da marca Filizola, com capacidade para 150 quilogramas e divisões de 100 gramas.

Compasso de dobras ou adipômetro: Foi utilizado o compasso de dobras modelo Harpenden, com escala de 0,2 centímetros e pressão constante em todas as aberturas de 10 g/mm^2 .

Dinamômetro: Foi utilizado o dinamômetro da Marca Takei, modelo Smedley III.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apresentaremos a seguir a média dos resultados, desvio padrão, diferenças absoluta e relativa obtidos na avaliação das equipes (Tabela 3):

Tabela 3: Resultados

Variáveis	Papel Report		Microcamp		Diferenças	
	Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão	Absoluta	%
Estatura corporal	196,04 cm	8,31 cm	181,29 cm	10,74	14,75 cm	8,14
Altura total	257,82 cm	11,00 cm	237,41 cm	13,53	20,41 cm	8,60
Envergadura	199,99 cm	7,97 cm	182,98 cm	11,63	17,01 cm	9,30
Massa corporal	96,22 Kg	11,63 Kg	72,74 Kg	14,64	23,48 Kg	32,28
Tamanho da mão direita (eixo longitudinal)	21,12 cm	0,95 cm	19,41 cm	1,52	1,71 cm	8,81
Tamanho da mão direita (eixo transversal)	24,35 cm	1,57 cm	21,18 cm	1,86	3,17 cm	14,97
Tamanho da mão esquerda (eixo longitudinal)	21,19 cm	0,95 cm	19,29 cm	1,60	1,90 cm	9,85
Tamanho da mão esquerda (eixo transversal)	24,18 cm	1,75 cm	20,80 cm	1,98	3,38 cm	16,25
Impulsão vertical	63,52 cm	13,57 cm	44,94 cm	9,08	18,58 cm	41,34

Variáveis	Papel Report		Microcamp		Diferenças	
	Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão	Absoluta	%
Percentual de massa muscular	51,20 %	6,35 %	43,97 %	5,85	7,23 pontos percentuais	14,12
Percentual de gordura	11,86 %	4,42 %	22,90 %	6,19	-11,04 pontos percentuais	-48,21
Preensão da mão direita	60,46 Kgf	8,81 Kgf	36,08 Kgf	4,68	24,38 Kgf	67,57
Preensão da mão esquerda	58,12 Kgf	6,87 Kgf	34,92 Kgf	3,70	23,20 Kgf	66,44

De acordo com o Teste de Diferenças de Médias (Teste t), todas as diferenças são significativas, quando $p < 0,05$, conforme os dados apresentados a seguir (Tabela 4).

Tabela 4: Teste t

Variáveis	t	p	Conclusão
Estatura corporal	- 3,76	0,001	s
Altura total	- 4,05	0,001	s
Envergadura	- 4,18	0,000	s
Massa corporal	- 4,35	0,000	s
Tamanho da mão direita (eixo longitudinal)	- 3,51	0,002	s
Tamanho da mão direita (eixo transversal)	- 4,51	0,000	s
Tamanho da mão esquerda (eixo longitudinal)	- 3,54	0,002	s
Tamanho da mão esquerda (eixo transversal)	- 4,43	0,000	s
Impulsão vertical	- 3,51	0,003	s
Percentual de massa muscular	- 2,90	0,008	s
Percentual de gordura	5,03	0,000	s
Preensão da mão direita	- 10,30	0,000	s
Preensão da mão esquerda	- 8,46	0,000	s

Observação:

s = existem diferenças significativas, ou seja, “ $p < 0,005$ ”.

Observações referentes aos avaliados:

- O jogador Rodrigo Vicentini não participou do teste de aptidão física impulsão vertical, porque estava lesionado há duas semanas. Entretanto foi submetido as demais avaliações.
- As jogadoras Claudia Maria Pastor, Adriana Aparecida dos Santos e Maria Angélica Gonçalves da Silva não participaram do teste de aptidão física impulsão vertical, porque estavam lesionadas.

Data das avaliações:

- 18 e 19 de março de 1997: Papel Report/Mogi das Cruzes/CCMC. Nesta época, a equipe estava no terceiro mês de competição da 8ª Liga Nacional.
- 20 de março de 1997: Microcamp. Nesta época, a equipe estava no quinto dia de competição da XIII Taça Brasil.
- 22 e 23 de setembro de 1997: foi realizado o teste de aptidão física, impulsão vertical. Nesta data, a Microcamp estava participando do Campeonato Paulista temporada 1997/1998.

Os resultados apresentados nos ajudam a entender um dos motivos pelo qual as mulheres não conseguem executar o fundamento arremesso como os homens. O teste prensão manual, tanto da mão direita como da mão esquerda, demonstra a enorme diferença de força no segmento avaliado. Em média os homens apresentaram 67,57% a mais de força do que as mulheres na mão direita e, 66,44% a mais na mão esquerda. Quanto ao percentual de massa muscular, os homens apresentaram uma diferença de 9,67 pontos percentuais em relação as mulheres, o que nos permite afirmar que os homens possuem uma força

total proporcional significativamente superior a das mulheres. No que refere-se ao percentual de gordura, as mulheres apresentaram uma diferença significativamente superior em relação aos homens: 11,04 pontos percentuais, o que ratifica a citação referenciada de SCATES e WIELKI (1977) que afirmam que existem nas mulheres mais massa inerte para ser deslocada durante o salto, e menos força total. Quanto ao teste de aptidão física impulsão vertical, os homens apresentaram uma diferença absoluta de 18,58 centímetros em relação as mulheres. Destacamos que o salto é muito importante na execução do fundamento arremesso, com exceção dos arremessos de lance livre. WOODEN (1988), ao abordar o salto durante um arremesso enfatiza:

“Eu acredito que o jogador deve alcançar a altura máxima possível de forma natural e sem esforço excessivo”
(p. 103).

Como as mulheres apresentaram um resultado significativamente inferior ao dos homens no teste de aptidão física impulsão vertical, por conseguinte enfrentarão maiores dificuldades para executarem o fundamento arremesso do que os homens.

Ao analisar os dados apresentados a seguir, acreditamos conseguir explicar uma das razões que justificam as dificuldades apresentadas pelas mulheres no jogo propriamente dito, além de não conseguirem executar as “enterradas”, que são muito comuns nas partidas masculinas e consideradas como um dos espetáculos do jogo. A soma das diferenças das médias das variáveis estatura corporal e impulsão vertical entre as equipes é de 33,33 centímetros, e soma das diferenças das médias das variáveis altura total e impulsão vertical entre

as equipes é de 38,99 centímetros. Além destas desvantagens, as mulheres também apresentaram na medida antropométrica tamanho da mão, resultados significativamente menores do que os homens, o que nos permite afirmar que para executarem uma enterrada as mesmas terão maiores dificuldades do que os homens.

É importante ressaltar que as mulheres apresentaram resultados antropométricos e de aptidão física significativamente inferiores em relação aos homens, e estas medidas e testes estão diretamente relacionados com o jogo de basquetebol, este fato pode ser um indicativo de que as mulheres apresentam maior probabilidade de lesionarem-se do que os homens.

5. CONCLUSÕES

Os dados estatísticos avaliados nesta pesquisa ratificam nossa forma de pensar e sugerem que este estudo merece uma investigação prática, ou seja, as diferenças significativas observadas entre as médias dos dados antropométricos e de aptidão física dos jogadores e jogadoras de basquetebol justificam nosso objetivo. Neste caso ratificam-se as hipóteses do presente estudo, ou seja, os homens apresentam variáveis antropométricas e de aptidão física mais apropriadas do que as mulheres para a prática do basquetebol, de acordo com as regras oficiais regidas pela FIBA.

De acordo com o presente estudo, a resposta do questionamento elaborado na introdução: é adequado homens e mulheres jogarem basquetebol submetidos as mesmas regras oficiais?, é negativa, isto é, não é adequado homens e mulheres jogarem basquetebol submetidos as mesmas regras oficiais.

6. RECOMENDAÇÕES

Encorajados pelos argumentos apresentados nas conclusões, sugerimos a realização de um estudo aprofundado, com duas modificações nas regras oficiais do basquetebol, em caráter experimental, que visam uma participação adequada das mulheres:

1. Substituir a bola, atualmente comum para homens e mulheres, pela bola americana feminina, que é menor e mais leve e que é utilizada na Liga Universitária Americana (NCAA) desde 1984, bem como na Liga Profissional Americana (WNBA), que recentemente encerrou sua segunda temporada;
2. Reduzir a altura do aro em relação ao solo em 25 cm. A regra oficial estabelece a altura do aro em relação ao solo em 3,05 m.

Com relação a última proposta apresentada, é importante ressaltar que os dados estatísticos avaliados nesta pesquisa não comprovam cientificamente que a altura do aro em relação ao solo para os jogos das mulheres, deve ser estabelecida em 2,80 m. Esta é uma proposta de modificação, levando em consideração sugestões de dois autores mencionadas nesta investigação, e também a altura do aro em relação ao solo que é utilizada nos jogos de mini-basquetebol: 2,60 m (Regras Oficiais de Mini-basquetebol 1980-1984, p. 9). E ainda, esperando a análise prática recomendada neste capítulo. Com relação a este particular, é importante lembrar como foi estabelecida a altura do aro em relação ao solo por JAMES NAISMITH, de acordo com a fita de videocassete THE STORY OF A GAME (1993):

“Houve dois felizes acidentes no nascimento do basquete: primeiro o zelador não conseguiu achar as caixas que NAISMITH tinha pedido para usar como gols, por isto ele arrumou duas cestas de pêssegos. O segundo golpe de sorte foi que: a pista de corrida estava à 3 metros de altura, imaginem se estivesse à 2 ou à 4 metros”.

A altura do aro de 3,05 metros em relação ao solo, foi utilizada desde o primeiro jogo de basquetebol e nunca foi alterada oficialmente, com exceção dos jogos de mini-basquetebol.

Também sugerimos a avaliação da mecânica dos arremessos das jogadoras (em laboratório), com o objetivo de comparar este fundamento ao ser executado com a regra oficial do jogo e, com as duas modificações nas regras oficiais acima apresentadas.

Sugerimos que um livro bem como uma fita de vídeo (VHS) sejam apresentados para a FIBA, após a conclusão da investigação prática do estudo.

As sugestões apresentadas visam adequar a prática do basquetebol aos princípios olímpicos referidos no início da pesquisa, possibilitando que cada indivíduo o pratique de acordo com as suas possibilidades, independentemente de gênero.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARDOSO, M. H. ; CAMPOS, M. H. Basquetebol feminino. Boletim Técnico da Associação Brasileira de Técnicos em Basquetebol. p.15-16, out./dez. 1983.
- DAVENPORT, J. The tides of change in women's basketball rules. In: HULT, J. S. ; TREKELL, M. (eds.), A century of women's basketball: from frailty to final four. Reston : American Alliance for Health, Physical Education, Recreation and Dance, 1991. p.83-84.
- ESPARZA ROS, F. Manual de Cineantropometria. Espanha : Femed, 1993.
- FERREIRA, Aluísio E.X. ; DE ROSE JUNIOR, Dante. Basquetebol, Técnicas e Táticas: uma Abordagem Didático-Pedagógica. São Paulo : E.P.U.: Ed. da Universidade de São Paulo, 1987. p.1.
- FOX, Edward L. ; BOWERS, Richard W. ; FOSS, Merle L. Bases Fisiológicas da Educação Física e dos Desportos. 4.ed. Rio de Janeiro : Guanabara Koogan, 1991. p.290.
- GODOY, Lauret. Os Jogos Olímpicos na Grécia Antiga. São Paulo : Nova Alexandria, 1996. p.19.
- HEYWARD, V. H. ; STOLARCZYK, L. M. Applied body composition assessment. Champaign: Human Kinetics, 1996. p.154.
- INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE. Factsheets. Lausanne: IOC, 1998. p.55.
- INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE. Olympic Charter. Lausanne: IOC, 1997. p. 9-10.
- INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE MAGAZINE. Special Edition, Results of the XXVI Olympiad "THE CENTENNIAL GAMES", Out, 1996.

- LANCELLOTTI, Sílvio. Olimpíada 100 anos: História Completa dos Jogos. São Paulo : Círculo do Livro, 1996.
- MANOLIU, Lia. Women's Presence in the Administration of Contemporary Sport (IOC, IFs, NOCs and NFs). In: International Session for Young Participants (30..1990: Ancient Olympia). Report of the Thirtieth Session. Ancient Olympia: INTERNATIONAL OLYMPIC ACADEMY, 1990. p.125.
- MEDALHA, José. Basquetebol. In: BORSARI, J.R. Manual de Educação Física. São Paulo : EPU, v.2, 1975. p.11.
- MENINAS do basquete vencem amistoso com time cadete. A Gazeta Esportiva, São Paulo, 19 abr. 1996. p.15.
- NACIONAL feminino busca prestígio. A Gazeta Esportiva, São Paulo, 8 fev. 1999. p.11.
- REGLAS Internacionales de Judo. San Juan : Union Panamericana de Judo , 1991. p.29.
- REGRAS Oficiais de Atletismo. Rio de Janeiro : Sprint , 1997-1999. p.66, 86, 89 e 102.
- REGRAS Oficiais de Basketball. Porto Alegre : FGB , 1992. p.3.
- REGRAS Oficiais de Basketball. Porto Alegre : FGB, 1994-1998. p.20.
- REGRAS Oficiais de Mini-basketball. Rio de Janeiro : Palestra Edições Esportivas , 1980-1984. p.9.
- REGRAS Oficiais de Voleibol. Rio de Janeiro : Sprint , 1997-1999. p.7.
- SCATES, A.E. ; WIELKI, C. Lower nets for women's volleyball. Volleyball Technical Journal. v.3, n.2, 1977. p.31.

SEMENICK, D.M. ; ADAMS, K.O. An Analysis of the vertical jump with recommendations for training female basketball players. National Strength and Conditioning Association Journal. v.9, n.3, 1991. p.11.

THE STORY of a game. Casey Jones. Rio de Janeiro: Polygram Video, 1993. 1 videocassete (120 min): son., color.; 12mm. VHS NTSC.

WOODEN, John R. Practical Modern Basketball. 3rd. New York: Macmillan, 1988. p.103.

8. ANEXOS

Anexo 1: Entrevista concedida ao Programa Jô Soares Onze e Meia, pela ex-jogadora de basquetebol Hortência de Fátima Marcari Oliva

Segundo a ex-jogadora Hortência, em entrevista concedida ao Programa Jô Soares Onze e Meia, SBT, em 22 vinte e dois de março de 1996:

“[...] **Jô Soares:** Hortência, você falou uma coisa, eu acho que foi no Programa do meu amigo Serginho Groisman, no Programa Livre. Você estava falando no negócio da altura da cesta de basquete. Eu nunca tinha pensado nisso, e é verdade.

Hortência: É.

Jô Soares: A altura da cesta para os homens que tem mais de dois metros geralmente, é igualzinha a altura, é a mesma altura...(foi interrompido pela ex-jogadora).

Hortência: E a bola também. E a bola também, por exemplo, a bola é muito grande, muito pesada pra gente. Então se ela fosse um pouquinho

menor, eu já seguraria ela com a mão. E se ela fosse um pouco mais leve eu “chuto” de muito mais longe, entendeu? Então se ela (gestos simbolizando a cesta), fosse um pouco mais baixa também, eu enterraria a bola ali dentro.

Jô Soares: Mas ia ser uma miséria, porque você com esta cesta...Quantas cestas você já fez? Você tem um cálculo assim ou não? O recorde por jogo, cento e ...?

Hortênciã: Cento e vinte e um.

Jô Soares: Cento e vinte e um. Qual é o recorde masculino?

Hortênciã: Cem, do Wilt Chamberlain. É o Wilt Chamberlain que fez cem.

Jô Soares: Então imagina isto daí com a rede mais baixa, com a cesta mais baixa.

Hortênciã: Eu acho que o espetáculo seria mais bonito, porque o jogo do feminino tem que ser mais técnico.

Jô Soares: Eu já acho, aliás quando você falou isto, eu concordo. Eu já acho o jogo feminino mais bonito que o masculino, porque ele é mais técnico.

Hortênciã: É mais técnico.

Jô Soares: Como no tênis, por exemplo.

Hortênciã: Nós sofremos mais pra fazer o ponto, o masculino não: joga a bola no alto, o cara vai lá e crava. Acabou a jogada! [...]”.



9. GLOSÁRIO

Adequação: Ato de adequar-se, ajustamento, adaptação.

Carta Olímpica: É a codificação dos Princípios Olímpicos Fundamentais, Regulamentos e Leis adotados pelo COI, que rege a organização e funcionamento do Movimento Olímpico, bem como dos Jogos Olímpicos.

Chuto: É uma gíria utilizada pelos profissionais do basquetebol, que significa arremesso.

Codificação: Reunião de leis em código.

Enterrar: Quando um jogador de posse da bola, após um salto, crava a bola na cesta, de cima para baixo.

Fundamentos: São os movimentos básicos do jogo, requisitos necessários para o jogo de equipe.

Regras Oficiais de Basquetebol: Regulamentos e Leis adotados pela FIBA, que regem todas as competições oficiais de basquetebol.